A RELAÇÃO ENTRE NATUREZA E CULTURA: FREUD E O PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO

Eduardo Pilotti Monaro (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Aline Sanches (Orientadora). E-mail: asanches@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR

Psicologia / História, Teorias e Sistemas em Psicologia

Palavras-chave: Psicanálise; Antropologia; Ontoepistemologias indígenas.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa consistiu em estabelecer uma interlocução entre a Antropologia e a Psicanálise, a fim de examinar as relações entre natureza e cultura em ambas as disciplinas, tendo como principais referências a Psicanálise freudiana e o Perspectivismo Ameríndio formulado por Eduardo Viveiros de Castro. Ressalte-se que, em Freud, a relação entre natureza e cultura constitui uma tese fundamental para a sustentação da teoria psicanalítica: para que a emergência do sujeito no mundo seja possível, torna-se necessário que um agente repressor se imponha sobre um estado primordial, a fim de ordená-lo e transformá-lo em cultura. Tal tese remete aos postulados da teoria das pulsões e do complexo de Édipo, na medida em que, em síntese, os atributos da espécie humana somente se desenvolvem ao romper com seus atributos originais. No Perspectivismo Ameríndio, por sua vez, a alma é concebida como um dado universal - uma unidade comum a todos os seres -, enquanto o corpo é entendido como uma construção particular e variável a partir da interação entre diferentes entes. Os resultados indicaram, a partir do encontro entre essas duas teorias, a necessidade de uma revisão da noção de animismo na psicanálise, como possibilidade de repensar o estatuto da agência dos objetos nesse campo, bem como de “contaminar” a teoria psicanalítica por outros campos, divergentes não apenas em suas metodologias, mas também em suas ontologias e decorrentes consequências práticas. Seria possível, portanto, considerar outras formas de alteridade não apenas ancoradas na divisão moderna entre natureza e cultura.

INTRODUÇÃO

A concepção do sujeito como particular ou universal, a acessibilidade do tratamento clínico para populações periféricas e etnologicamente distantes do tipo freudiano supostamente original, bem como a densidade social de conceitos metapsicológicos são apenas algumas das dificuldades mais urgentes da psicanálise contemporânea, as quais emergem, em grande medida, de um debate historicamente adiado entre

psicanálise e antropologia. Embora tal relação esteja presente de forma notável no pensamento de autores fundantes da teoria psicanalítica, o diálogo entre essas duas disciplinas encontra-se esquecido por seus continuadores (Dunker, 2015). É em vista disso que este trabalho buscou uma retomada dessa interdisciplinaridade, que será feita com base em duas concepções – a saber, a de natureza e a de cultura – e em suas inter-relações, fundamentais para compreensão total desses conceitos. A tradição filosófica ocidental moderna foi responsável por estabelecer uma grande divisão entre natureza e cultura e, assim, introduzir diversas oposições complementares: corpo e alma, selvagem e civilizado, animal e humano, entre outras. Não obstante as tentativas de superar tais dicotomias na psicanálise, seus autores tampouco conseguiram desvincular-se dessa tradição, replicando muitos dos problemas que almejaram resolver. Esta pesquisa objetivou, portanto, articular tal cenário com o Perspectivismo Ameríndio elaborado pelo antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro, que oferece uma maneira distinta de conceber as posições de natureza e cultura.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa, de natureza teórico-conceitual, buscou analisar um determinado conceito por meio das categorias desenvolvidas por outra área do conhecimento, de maneira a destacar as afinidades filosóficas presentes nos fundamentos conceituais de uma determinada teoria. Em específico, buscou-se investigar a relação entre natureza e cultura nas obras de Sigmund Freud e do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, a fim de identificar aproximações e distanciamentos entre as formulações dos dois autores. Para tanto, foram selecionadas como fontes as obras *Totem e Tabu* (1913), de Freud, e *Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural* (2015), de Viveiros de Castro. As obras selecionadas foram analisadas por meio da elaboração de fichamentos, utilizados como recurso para sistematizar e explicitar as principais teses de cada autor, bem como as relações estabelecidas entre os conceitos mobilizados ao longo das obras

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao colocar em comparação as noções de natureza e cultura apresentadas pelos dois autores, um aspecto ganhou destaque: a maneira pela qual ambos mobilizam a noção de animismo. O que caracteriza esse princípio de identificação – ou ontologia – é que, no sistema animista, atribui-se um funcionamento anímico, psicológico ou cognitivo, semelhante ao humano, a diversos seres não humanos, ao mesmo tempo em que se reconhecem diferenças entre suas fisicalidades ou corporalidades. Isto é, a semelhança entre as interioridades autoriza a extensão do estado de “cultura” aos não humanos, juntamente com os atributos que essa condição implica.
A pesquisa etnográfica de Viveiros de Castro no Alto Xingu toma o animismo como premissa, ou seja, descreve uma construção na qual todo existente é uma pessoa e possui, para si, a mesma cultura. O indígena tem sua presa, sua cerveja e seu predador e, da mesma forma, a onça também possui sua presa e seu predador.

Contudo, a partir da perspectiva e da corporeidade desse animal, essa cerveja é percebida como sangue, enquanto a presa é o humano. É nesse sentido que há uma igualdade quanto à alma humana e uma hierarquia na cadeia alimentar, na qual há sempre uma presa e um predador. São multinaturezas e multicorporalidades que possibilitam a construção de uma única cultura: a vida como ela é imaginada no Alto Xingu.

O que o trabalho desse antropólogo reivindica é o problema da perspectiva, distinto do problema do ponto de vista. Este último constitui uma marca da ciência e da política modernas: todos possuem diferentes opiniões e crenças sobre diferentes coisas, mas haveria, por trás delas, uma natureza que permanece como juíza final. Se dispomos da ciência correta, seria possível conhecer, em última instância, aquilo que compõe essa natureza. Há, portanto, vários pontos de vista, mas eles são, ao fim e ao cabo, mais ou menos relevantes, pois há somente um ponto de vista que conta: aquele da natureza, acessada pelas ciências. O que está em jogo na etnografia de Viveiros de Castro é, portanto, o problema da perspectiva, que possui uma qualidade em si e não é movida pela distinção entre natureza e cultura ou, pelo menos, busca ser pensada como um modo de existência completo, que não pode ser reduzido aos símbolos de um lado ou à materialidade de outro. Nessa construção, não se trata de buscar qual é a verdade, de maneira a retirar a “sujeira” dos pontos de vista, mas de ser capaz de articular a maneira como as coisas importam em uma determinada construção perspectival. É isso que os xamãs fazem, segundo Viveiros de Castro: transitam entre perspectivas. A produção de conhecimento é pensada como a ocupação temporária da posição de sujeito de um ser que não sou “eu”. Enquanto a cosmologia construtivista, nos termos da fórmula saussuriana, sustenta que o ponto de vista constitui o objeto – sendo o sujeito a condição originária e estável de onde esse ponto de vista se projeta –, o Perspectivismo Ameríndio inverte essa relação ao afirmar que é a perspectiva que constitui o sujeito. Assim, torna-se sujeito aquele que se encontra ativado, reconhecido ou “agenciado” por uma determinada perspectiva (Dunker, 2015).

A psicanálise freudiana faz um uso de outra ordem da noção de animismo. Em *Totem e Tabu* (1915), esse sistema ontológico é aproximado do pensamento primitivo e deve ser sobreposto, embora não eliminado, pela organização totêmica. Esta, por sua vez, funda a ordem do símbolo e estabelece um corte entre natureza e cultura. É o assassinato do pai da horda primeira e o estabelecimento de uma fraternidade totêmica que circunscrevem um limite à onipotência. A identificação com o pai assassinado, representada pela refeição totêmica, marca a superação do primitivismo. Assim, no plano filogenético, o animismo dá lugar ao totemismo; no plano ontogenético, a onipotência é barrada pela lei paterna. Há, portanto, uma justaposição entre filogênese e ontogênese, com três fases correspondentes ao desenvolvimento da humanidade e do indivíduo. A fase inicial seria animista, sustentada pelo narcisismo primário e pela onipotência de pensamentos: sem um objeto externo, as pulsões têm como destino o próprio corpo, fazendo com que a volição se confunda com a realização e predominem os pensamentos mágicos. Esse percurso culminaria no estágio final, marcado pelo império da ciência e da razão. O

desenvolvimento humano é, assim, compreendido a partir do desenvolvimento libidinal do sujeito e da transformação de seus investimentos.
Foi possível, então, delinear uma convergência na maneira como os dois autores mobilizam as noções de natureza e cultura, bem como a de animismo. No totemismo, base ontológica da psicanálise (Dunker, 2015), sempre se sabe quem se é: há uma natureza e múltiplas culturas. Já no animismo, pressuposto da etnografia de Viveiros de Castro, há uma indeterminação fundante, marcada pela percepção de múltiplas naturezas e uma única cultura.

CONCLUSÕES

A despeito de se restringir ao exame de apenas uma obra de Freud e uma de Viveiros de Castro, esta pesquisa permitiu, ao aproximar as duas teorias, oferecer elementos para outras formas de conceber a alteridade que incluem não apenas uma dimensão calcada em um regime simbólico, ancorado no totemismo, mas também contemplam uma dimensão articulada à intencionalidade das próprias coisas. É nesse sentido que a continuidade deste trabalho poderá ser desenvolvida por pesquisas futuras, que explorem mais detidamente as questões que permanecem em aberto, sobretudo no que diz respeito às possibilidades de construção de uma teoria e de uma prática psicanalíticas capazes de ampliar a escuta para mundos mais *animados*, cujas formas de existência podem permanecer opacas quando pensadas por meio de dicotomias como natureza e cultura, selvagem e civilizado, sujeito e objeto.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Araucária pelo financiamento desta pesquisa e à professora Aline Sanches pela orientação, confiança, parceria e generosidade de abraçar minhas perguntas.

REFERÊNCIAS

DUNKER, C. I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

FREUD, S. Totem e tabu. In: FREUD, S. **Totem e tabu, Contribuições ao movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, Obras completas, Vol. 11. 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas Canibais**. São Paulo: Cosac-Naify, 2015.